



Mamé Shimabukuro

Galeria Atmosphera



Nos anos 90, Mamé Shimabukuro e o irmão, Robson Shimabukuro Costa, fundaram a loja e galeria Atmosphera com um conceito inovador para a época.

A proposta era o resgate da identidade brasileira sob a perspectiva de artistas, artesãs e artesãos, populares e contemporâneos, que faziam uso de materiais naturais – como pedras, fibras, barro, madeiras os principais elementos ligados à natureza –, como uma resposta ao domínio dos objetos industrializados. A curadoria de objetos feita por Mamé dialogava entre o artesanato brasileiro, o design e as artes visuais.



O que alimentava a loja e a galeria, além da comida orgânica oferecida pelo Café Bioconceito, era o propósito de refletir a mudança de paradigmas da mulher e do homem atuais por meio da utilização de materiais naturais e de formas orgânicas – evocadas a partir da história, da arte, do artesanato e da economia –, elaborados por mãos humanas regionais.

A galeria, voltada para exposições, debates e produção da arte popular e contemporânea, realizou 14 exposições individuais com artistas do Brasil.

Participaram nomes como Francisca Botelho, Renato Imbroisi, Lúcio Carvalho, Danilo Branco, Sandra Mara, Guilherme Leme, entre outros.



1996-2002

In the 90s, Mamé Shimabukuro and her brother, Robson Shimabukuro Costa, founded the store and gallery Atmosphera, with an innovative concept for the time which is still timeless today. The idea was to rescue Brazilian identity in post-modernity from the perspective of popular and contemporary artists and artisans who used natural materials – such as stones, fibers, clay, wood, the main elements linked to nature – as a response to the dominance of industrialized objects. Mamé's curatorship dialogued with Brazilian crafts, design and the visual arts.

What fed the store and gallery, apart from the organic food offered by Café Bioconceito, was the purpose of reflecting on shifting paradigms of contemporary men and women through the use of natural materials and organic forms – evoked according to history, art, craft and economy – shaped by regional human hands.

The gallery, directed at exhibitions, debates and artistic works both popular and contemporary, put together 14 individual shows with Brazilian artists, such as Francisca Botelho, Renato Imbroisi, Lúcio Carvalho, Danilo Branco, Sandra Mara, Guilherme Leme, among others.





TRANS

FORMA

AÇÃO



A apatia das pessoas nas cidades cosmopolitas começa a chamar minha atenção. O rosto sem expressão diante de qualquer acontecimento me espanta... Passo a prestar atenção em como as pessoas se relacionam com a cidade, com o seu entorno, com outras pessoas e com a natureza inserida. A gentrificação expulsa qualquer tipo de vida.

O caminhar pela cidade e a multidão são marcos na história da modernidade, como lembram Baudelaire e Walter Benjamin. Penso na relação das cidades e dos seres humanos. Penso nas relações humanas nas grandes cidades.



Com o intuito de chamar atenção para o caminhar com delicadeza, de usufruir da cidade com respiro, com respeito em torno da natureza, de uma vida saudável e da não “alimentação” do capitalismo selvagem, que se manifesta pela gentrificação das construtoras, da especulação imobiliária, de uma política corrupta. Exigir o direito de usufruir da cidade como poder caminhar em calçadas dignas e seguras. O pertencimento nas relações homem-cidade, cidade-homem na cidade, no bairro, na vila, na rua. O olhar, tal qual, o caminhar para uma sociedade mais integrada, em equilíbrio e feliz.



O bairro da Vila Madalena foi o bairro escolhido com o intuito de pensar a preservação do espaço, do céu, das ruas e da forma pela qual ela própria se traduz: a vila. Não vamos deixar que a luz existente se apague como aconteceu em outros bairros.

O happening esteve aberto a quem quisesse participar, através das junções das artes e das pessoas que andam pelo bairro. Visou a comunicação entre indivíduos, a gentileza, proporcionando segurança, uma vez que os espaços públicos foram ocupados. Trouxe a delicadeza para o meio da rua, para o meio da cidade, como respiro e contemplação para o transeunte. Algo como uma surpresa, uma cidade lúdica como respiro.

People's apathy in cosmopolitan cities begins to draw my attention. The expressionless face before any given event startles me... I begin to pay attention to how people relate to the city, to their surroundings, to other people and to the available nature in them. Gentrification repels any kind of life.

Walking through the city and the crowd are marks in the history of modernity, as Baudelaire and Walter Benjamin knew. I think of the relations between cities and human beings. I think of human relations in big cities.

Aiming to draw attention to delicate acts of walking, using the city with tranquility, with respect to nature, to a healthy life which does not feed into savage capitalism, manifested through the gentrification caused by construction companies and real-estate speculation, by corrupt politics. Demanding the right for the use of the city as walking on safe and dignified sidewalks. Belonging in the man-city-city-man relations, in neighborhoods, on the street. The gaze, like walking through a more integrated society, balanced and happy.

The happening was open to whoever was willing to participate, through the connections between the artworks and the people walking around the neighborhood. It aimed at communication between individuals, at kindness, allowing for security, given that public spaces had been occupied. It brought delicateness to the middle of the street, the city, as a breath of fresh air and contemplation for passersby. Something like a surprise, a playful city as a breath of air.

Thus, constructing narratives is the most direct way of producing new behaviors in the city and experiencing urban reality in moments of what life might be in a more free society.

Concepção

Mamé Shimabukuro

Artistas

Daniela Augusto, Heloisa Nilo, Mauricio Badê, Raphael, Ricardo Castro e Pepê

Fotografia

Pedro Levorin

Filme

Gabriela Costa

Produção

Pollyanna Guimarães e todos colaboradores que experienciaram o andar nômade.





Minha sorte é o olho que eu tenho



A ideia do documentário *Minha sorte é o olho que eu tenho* veio a partir do convite do colecionador Carlos Augusto Lira para conhecer a Coleção Lira, um importante acervo de arte popular brasileira, com obras de artistas do país inteiro, de norte a sul.

Segundo Lira, a coleção foi sendo construída pelo ajuntamento de objetos estéticos ao longo de 40 anos. O colecionador interage com as obras que possui, convive, cria cenas com elas, é um interlocutor do artista; a arte, além de ser uma extensão do artista, passa a ser do colecionador: “minha coleção vai crescendo e eu vou crescendo junto”.



O documentário foi pensado a partir das sessões de fotografias da coleção para o livro *As Líricas*, de Carlos Augusto Lira. O registro será uma documentação viva, estética, política e social das produções artísticas propostas por artistas que vivem nas bordas geográficas e, por isso, categorizados como populares. O acervo construído por uma coleção particular passa a ser uma herança coletiva e, dessa maneira, passa a ser patrimônio material de um país.

A intenção é explicitar as raízes populares de sua estética em diálogo com o olhar cosmopolitano. É deslocar a compreensão da arte em sua contemporaneidade a partir de suas culturas e de seus lugares de construção.

O documentário foi pensado em dois momentos a partir da captação das imagens que estávamos registrando. A primeira etapa consistiu na captação feita com base nas cenas das fotografias do livro, o qual reúne e organiza objetos de arte popular do acervo da Coleção Lira de acordo com o olhar do colecionador, de modo a formar a narrativa da construção da coleção. A segunda etapa será a narrativa das/os artistas populares em seu meio ambiente, onde vivem, como realizam seu trabalho com a arte.

A segunda etapa do documentário está em processo. O projeto tem a colaboração de Eduardo Barcellos na primeira etapa e de uma equipe local na segunda, o que evocará o deslocamento de olhares.

que eu tenho

The idea behind the documentary *Minha sorte é o olho que eu tenho* came from an invitation from collector Carlos Augusto Lira to see the Lira collection, an important archive of “popular” Brazilian art, with works from all of Brazil, from north to south.

According to Lira, the collection was built by gathering aesthetic objects over the course of 40 years. The collector interacts with the works he owns, lives with, and creates scenes with them, he is an interlocutor with the artist; art, in addition to being an extension of the artist, becomes the collector's: “my collection grows and I grow with it”. The documentary was designed based on photo sessions from the collection for the book *As Líricas*, by Carlos Augusto Lira. The result will be a living aesthetic, political and social document of artistic productions proposed by artists who live on geographical borders and, therefore, are categorized as popular. The collection built by a private collection becomes a collective heritage and, in this way, becomes the material heritage of a country. The goal is to explain the popular roots of their aesthetics in dialogue with the cosmopolitan gaze. It means displacing the understanding of contemporary art from its cultures and places of construction.

The documentary was designed in two moments, starting from the capture of the recorded images. The first stage consisted of capturing scenes based on photographs in the book, which gathers and organizes popular art objects from the Lira Collection according to the collector's viewpoint, in order to form the narrative of its construction. The second stage will be the narrative of popular artists in their environment, where they live, how they carry out their work.

The second stage of the documentary is still in process. The project has the collaboration of Eduardo Barcellos in the first stage and a local team in the second, which evokes a displacement of gazes.

Concepção, pesquisa e direção geral
Mamé Shimabukuro

PRIMEIRA PARTE

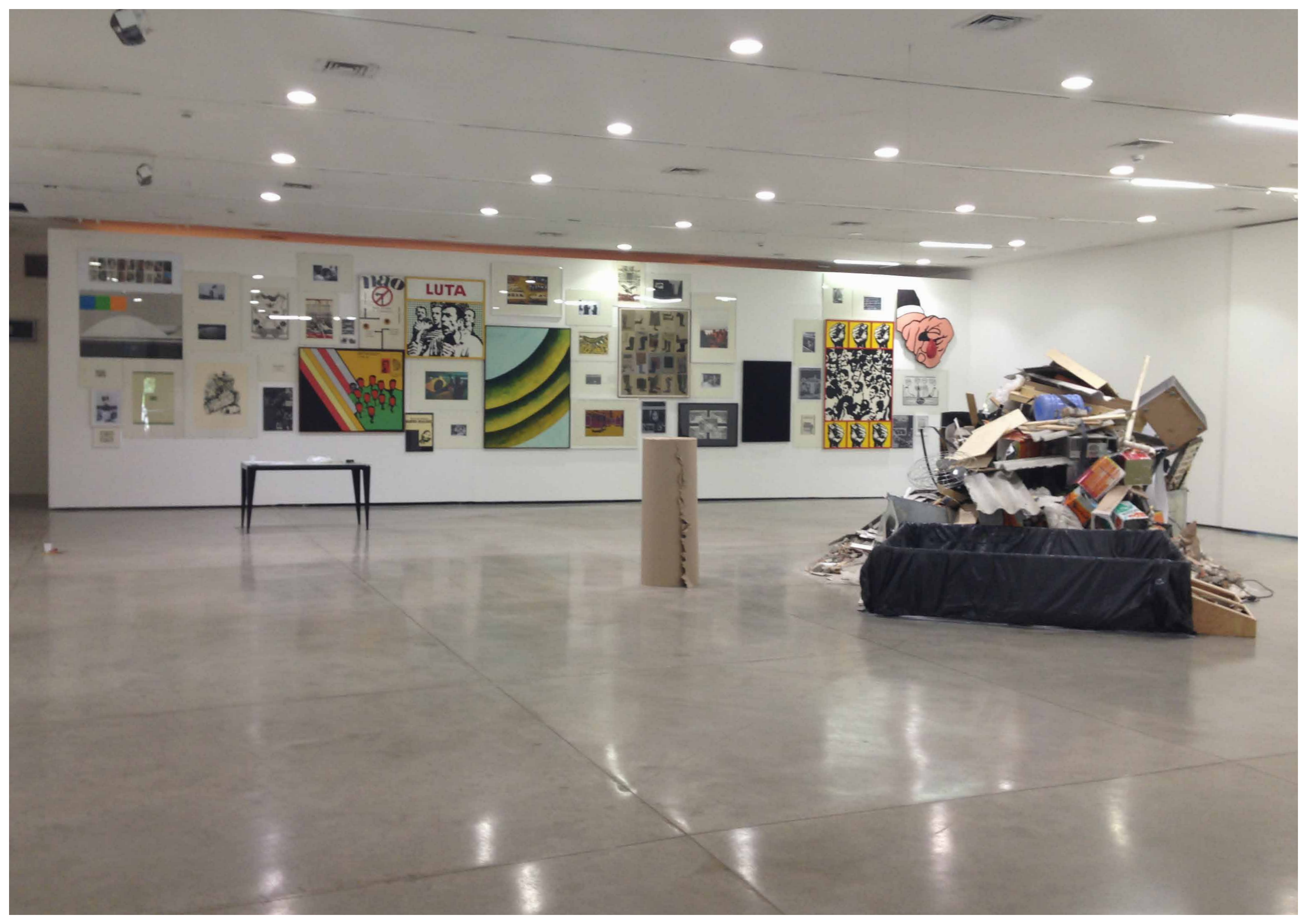
Direção
Mamé Shimabukuro e Eduardo Barcellos

Roteiro
Mamé Shimabukuro e Eduardo Barcellos

Fotografia
Eduardo Barcellos e Daniel Tancredi

Edição
Matias Lancetti





Quando a vida é uma euforia

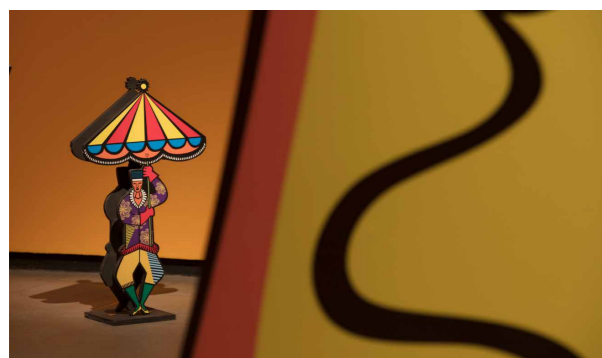
Instituto Tomie Ohtake - SP



Em sua gama de suportes e expressões, a arte gráfica de Joana Lira carrega a emoção de quem está falando de dentro e sobre sua casa. É no caldo efervescente e multicultural do carnaval pernambucano que ela estabelece conexões mais profundas entre as pessoas e as histórias. Se as cores, músicas, vestes, danças e personagens variados projetam e transformam a espiritualidade em festa e folia, a artista inspira e compartilha desta força coletiva e arrebatadora.

Joana expressa uma antropologia visual através de linhas pretas, vazadas e receptivas, que possibilitam a expansão de formas geométricas e cores vibrantes, além de vislumbres da fauna, a flora e nas simbologias locais. Ao mesmo tempo, estão implícitas e explícitas as sensações de euforia, alegria e sensualidade em seu trabalho. Falamos aqui em relações estéticas e de constituição do sujeito relacionados a cidade de Recife, reconhecendo e ativando suas raízes, além de promover uma nova educação estética pela sensibilização do olhar.

Buscando uma tonalidade experiencial, sem enveredar por linha retrospectiva, a mostra caminha por situações imersivas e documentais desta cultura carnavalesca, refletindo sobre como as representações gráficas de Joana Lira interagem com os sentimentos e emoções das pessoas. O transcender e o manifestar das profusões de cores e imagens, do erudito ao popular, expressas em fantasias, magias, sexualidade, mitos, humor: na essência, viver um carnaval de rua.



2018

In its range of supports and expressions, Joana Lira's graphic art carries the emotion of those who are talking from within and about their home. It is in the effervescent and multicultural melting pot of Pernambuco's *carnaval* that she establishes deeper connections between people and stories. If the colors, music, clothes, dances and different characters project and transform spirituality into celebration and revelry, the artist inspires and shares this collective and overwhelming force.

Joana expresses a visual anthropology through black, receptive outlines, which allow the expansion of geometric shapes and vibrant colors, as well as glimpses of fauna, flora and local symbologies. At the same time, the feelings of euphoria, joy and sensuality in her work are implicit and explicit. We are talking here about aesthetic relationships and subject constitutions related to the city of Recife, recognizing and activating its roots, in addition to promoting a new aesthetic education through the awareness of the gaze.

Seeking an experiential tonality, without following a retrospective line, the exhibition walks through immersive and documentary situations of this *carnaval* culture, reflecting on how Joana Lira's graphic representations interact with people's feelings and emotions. The transcendence and manifestation of the profusions of colors and images, from the erudite to the popular, expressed in fantasies, magic, sexuality, myths, humor: in essence, living a street *carnaval*.

Idealização

Joana Lira e Mamé Shimabukuro

Curadoria e Direção Artística

Mamé Shimabukuro

Produção executiva e gestão de projeto

Veridiana Aleixo

Projeto expográfico

William Zarella

Construção e montagem

Elástica SP

Cenografia

Ale Ferreira e Marcus Binns

Projeto de iluminação

Marcos Cicerone

Consultoria, produção de artemídia e animação personagens

Estúdio Laborg

Comunicação visual

Elisa von Randow e Julia Masagão

Direção musical

Maurício Badé



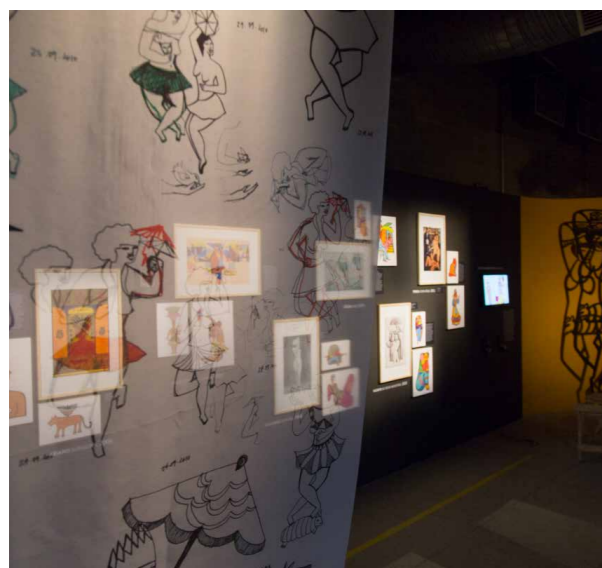
Quando a vida é uma euforia

Museu Centro Cultural Cais do Sertão - PE



Em sua gama de suportes e expressões, a arte gráfica de Joana Lira carrega a emoção de quem fala de dentro e sobre sua casa. É no caldo efervescente e multicultural do Carnaval pernambucano, trabalhando na criação da cenografia de rua e da identidade gráfica da festa de 2001 a 2011, que ela estabelece as conexões mais profundas entre criação e história, arte e vida. Não só inspirando sua cultura, mas compartilhando da força coletiva arrebatadora que transforma a espiritualidade em folia.

Joana expressa uma antropologia visual na linha preta que expande formas geométricas, faz as cores vibrarem, cria vislumbres de pessoas, personagens, simbologias. Sensações de euforia e sensualidade estão ao mesmo tempo implícitas e explícitas em seu trabalho. Criando a partir de um imaginário conectado à sua cidade, ela ativa suas raízes e promove educação estética pela sensibilização do olhar.



Em busca de um tom de experiência, e não de retrospecto, Quando a vida é uma euforia caminha entre situações imersivas e documentais, revelando e explorando a forma como a representação gráfica da artista interage com os sentimentos e emoções das pessoas. Conforme nos deslocamos, temos a experiência da mistura de culturas e etnias desse Carnaval transcendente, suas dimensões desmesuradas, sua profusão de cores e fantasias, sua explosão de magia, sexualidade e humor.

Territorialidade e escala são os fios condutores da exposição, cujo percurso atravessa cinco núcleos temáticos, relacionados às ideias de pertencimento, fantasia, mulher, manifestação e transcendência e à forma como ressoam no trabalho da artista. O recorte curatorial ressalta o poder da fabulação visual de Joana Lira, que mescla verdade e fantasia com a mesma poesia e, fazendo-se presença física, junta-se aos corpos que resistem, na intenção única de viver em euforia.



2019

Idealização

Joana Lira e Mamé Shimabukuro

Curadoria e Direção Artística

Mamé Shimabukuro

Produção executiva

Carla Valença - Relicário Produções

Projeto expográfico

William Zarella e Clarissa Guimarães

Projeto de iluminação

Séphora Silva

Audiodescrição

Acessibilidade Comunicacional

Projeto gráfico

Fernanda Lisboa

Construção e montagem

Elástica SP

Cenografia

Ale Ferreira e Marcus Binns

Montagem e Desmontagem

Gil Silva e Paulo Henrique dos Santos

Direção de montagem de vídeo instalação

VJ Mozart

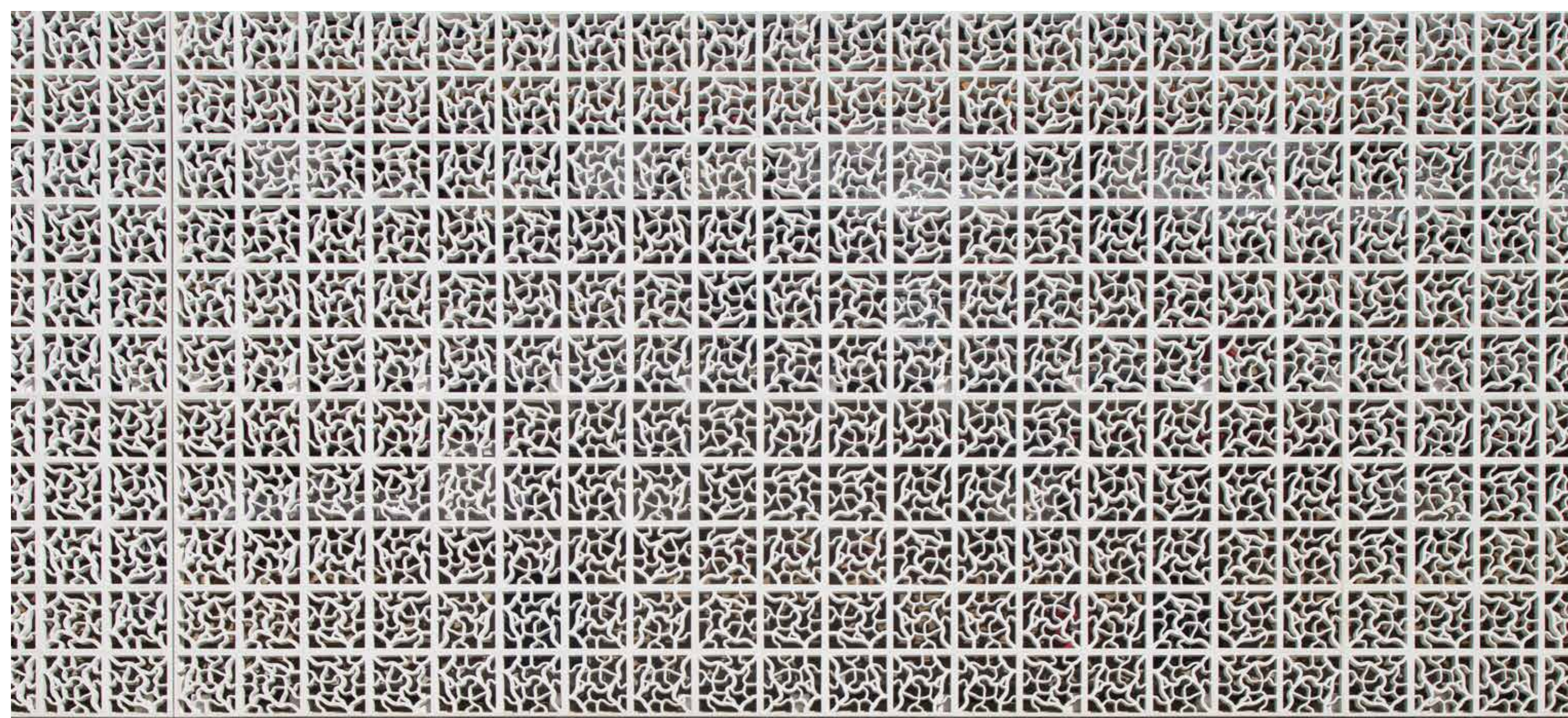
Comunicação visual

Elisa von Randow e Julia Masagão

Direção musical

Maurício Badé





TRANS LU(Z)CIDEZ



Renovar a qualidade do olhar para o mundo dos fenômenos, sob as mais diversas formas de imagens, em relação à realidade do confinamento do Covid-19, através do sentimento de solidariedade e da consciência coletiva é a proposta do PROJETERMOS. A partir das janelas, começaram a aparecer narrativas com as projeções de cuidado, diferentes luzes nas paisagens metropolitanas surgiam como ferramenta essencial de expressão e informação como manifesto político, artístico e afetivo nas fachadas e empenas de concreto das cidades, ecoando para milhares de pessoas uma nova estética de paisagem urbana.

O olhar direcionado pode significar uma ampliação das perspectivas para uma atual reflexão que fomos impostos a viver. Novas linguagens de produções artísticas propõem diferentes desenvolvimentos a partir da própria leitura da imagem, diante dos impasses e desafios que o desenvolvimento científico-tecnológico-político nos impõe nesta época de pandemia.

A proposta da obra crossmedia “Trans Lu(z)cidez” é dialética na sua forma de construção e desconstrução das narrativas, visto que a instalação é interativa e de ação coletiva. Os trabalhos, conceitos, processos, situações e informações são forma de aparecimento da extensão do gesto e do pensamento. A arte sempre caminhou junto à humanidade ao questionar, ao refletir e infletir o processo do tempo vivido.

A obra ilumina narrativas que discutem o Brasil de hoje, século XXI, ao testemunhar uma história do passado, neste país projetado como utopia de um possível desenvolvimento. Conduz o visitante a interagir com narrativas que ecoam questões quanto às camadas sociais, culturais e antropológicas que são produzidas diariamente, com a ideia de reprodução pelo capital dentro das perspectivas da perplexidade e do desencanto do presente.



DURANTE A PANDEMIA

PROJETEMOS is a group of VJs, video jockeys, that formed during the arrival of the Covid-19 pandemic in Brazil in 2020. Given the new reality of social isolation, a feeling of solidarity and an acute awareness of the fragility of our present democracy emerged, given the rise of the Brazilian far-right. From their windows, the members began creating narratives through projections, an essential tool of expression and information, through political, artistic and affective actions on façades and on the concrete sides of buildings throughout the city, reaching thousands of people.

Collective actions coordinated via the internet are the starting point of a series of arrivals and departures that #Projetemos drives, from a hub of encounter between projectionists, content producers, artists and network articulators. A transdisciplinary pedagogical project, seeking to integrate different voices and knowledges, making the walls of the cities a public space, open to learning experiences. On PROJETERMOS' website, a step by step tutorial for video mapping can be found, for producing empathetic messages and alerts regarding the ongoing political and sanitary reality in Brazil, allowing for impactful works, which in turn bring individuals and purposes together through videos, images, photographs and social media engagements.

The public space becomes ressignified as a place for dialogue. In new urban landscapes, the projector, a democratic artifact, urges reflexion and discussions around ways of living and being in the world. Technology engenders new human relations. The comprehension of the world is enhanced with the desire and necessity of recreating it, propagating equality and union, strengthening shared work processes in creating a network of projectionists that show a new form of relating to the social issues of the country, without the tracing of frontiers.

PROJETEMOS

Brunna Rosa, Felipe Spencer, Mozart Santos e rede de projetionistas

Concepção, estrutura, processo e pensamento da obra TRANS LU(Z)CIDEZ

Mamé Shimabukuro e Mozart Santos

Conteúdo Digital

Mamé Shimabukuro

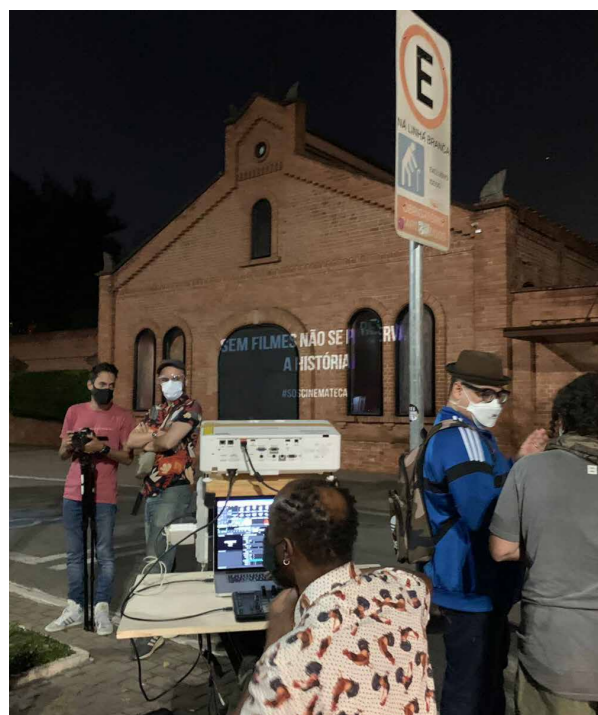


PRO
JE
TE
MOS

1'2'3'4'



ARTE-ATIVISMO CINEMATECA BRASILEIRA



A arte-ativismo do *Projetemos* na Cinemateca Brasileira, aconteceu em agosto de 2021, na data do aniversário de Glauber Rocha. A ação foi pensada antes do incêndio do acervo que ficava no prédio da Vila Leopoldina, o que, segundo Marta Bogéa, faz pensar que a ideia desta ação foi quase que premonitória.

As projeções se contrapuseram ao descuido do atual governo com a história, cultura e a arte brasileira. Justamente a instituição destinada à conservação, restauro e arquivo do patrimônio cinematográfico do país foi mais um alvo do “descuido” estratégico do atual desgoverno, pois sabemos que os filmes despertam um interesse especial por seu valor científico, artístico, cultural ou documental.

Essa ação foi potente por valorizar a memória da cultura brasileira preservada em muitos filmes. As histórias, sob domínio da Cinemateca, contam e apresentam diversas narrativas, que juntas estruturam o quebra-cabeça da memória do Brasil.

As projeções mapeadas chamaram atenção para o acervo queimado, assim como para as documentações do Teatro Oficina e do Cinema Novo de Glauber Rocha.



DURANTE A PANDEMIA

The art-activism of *Projetemos* took place in August 2021, on the date of Glauber Rocha’s death, at the Cinemateca Brasileira. Despite having taken place later, the action was designed before the fire in the collection that was stored in the Vila Leopoldina building, which, according to Marta Bogéa, makes you think that the idea for this action was almost ominous.

The projections opposed the current government’s neglect of Brazilian culture and art. Precisely the institution dedicated to the conservation, restoration and archive of the country’s cinematographic heritage was another target of the strategic “oversight” of the current mismanagement, as we know that films arouse a special interest for their scientific, artistic, cultural or documentary value.

This action is powerful because it values the memory of Brazilian culture preserved in many films. The stories, under the control of the Cinemateca, tell and present several narratives, which together structure the puzzle of Brazil’s memory.

The mapped projections drew attention to the burned collection and to Glauber Rocha’s Cinema Novo.

Artivismo

Projetemos

Concepção

Mamé Shimabukuro

Conteúdo

Mamé Shimabukuro, Mozart Santos e Felipe Spencer

Edição

Achiles Adriano

Projecionistas

Achiles Adriano, Rachel Diógenes e VJ Ana Lopes

Artista convidado

Coletivo Transverso



CUIDADO

PERÁG

CONTÉM SONHOS

WEL CORREIA

curator, artistic director & researcher

bachelor's degree in Social Science from PUC-SP
independent curator and researcher of Brazilian popular culture
Free & Interdisciplinary background in visual arts and curatorship
From São Paulo, lives in São Paulo

mameshimabukuro@gmail.com
www. mameshimabukuro.com.br
@mameshimabukuro
+55 11 9 9128 2223

